

IGREJA VIVA

QUINTA-FEIRA • 9 DE ABRIL DE 2015

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30638 de 9 de Abril de 2015, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

CARMINHO

“O FADO É A MINHA RESPIRAÇÃO, AQUILO QUE ME MOVE,
A TRADUÇÃO DA MINHA VIDA”

P. 4-5

ISTO NÃO VAI SÓ COM AVÉ-MARIAS!



PAULO TERROSO

PADRE

A aula era sobre os meios de comunicação de inspiração católica. Um dos alunos acabava de apresentar uma rádio católica do género devocional e terminava dizendo que esta lutava pela sobrevivência. Por princípio fundacional, a rádio vivia exclusivamente de donativos excluindo qualquer tipo de publicidade. Um sacerdote nigeriano, impressionado com tamanho cheque em branco à divina providência, não resistiu e exclamou: “Isto não vai só com Avé-Marias!”.

A expressão assenta com uma luva quando se trata de analisar do ponto de vista comunicacional, e tão-só nesta perspectiva, os casos de Canelas e o

da igreja das Caxinas, alvo de atenção dos média nestas últimas semanas. Os factos são públicos, dispenso-me das sínteses.

No caso de Canelas, o porta-voz do autodenominado grupo “Uma comunidade reage”, deu-se ao luxo de construir a narrativa que bem quis, sem qualquer espécie de contraditório. Tranquilo, bem-falante, de argumentário claro e persuasivo, formulou publicamente questões sem que ninguém, até hoje, desse publicamente, de viva voz e de olhos nas câmaras, respostas. A destempo, com os acontecimentos a dominarem as agendas mediáticas, surgiu um comunicado e memorando dirigido a um público que vê televisão mas não perde tempo com comunicados e não faz a pálida ideia do que é um memorando. Esta semana, não sei se repararam, novo porta-voz. Um senhor maduro, engravatado, as mesmas questões de sempre, *soundbites* bem estudados para o directo, qual profissional diante das câmaras. Os porta-vozes da assim chamada “Uma comunidade reage” pensam e dirigem estrategicamente a comunicação. O movimento está condenado ao fracasso, mas deixará um rasto de destruição e divisão na paróquia que demorará muito a esquecer.

Nas Caxinas, um jornalista lidera e dá

voz a um movimento popular contra a construção de um prédio junto à igreja. Pela primeira vez em 40 anos de democracia, a Assembleia Municipal de Vila do Conde reuniu-se, de forma extraordinária, a pedido de cidadãos, para discutir uma recomendação que eles apresentaram. O ex-presidente



da edilidade viu-se obrigado a reconhecer publicamente, através de um panfleto, os erros cometidos sob a sua administração. Colocou o actual executivo a negociar com o promotor da obra e sob pressão. Criaram um grupo no facebook para manterem viva a causa e discutirem acções. São notícia nacional. Lembram às autoridades locais que o direito pode provocar a maior das injustiças. E conseguiram o feito invejável de meterem os deputados

vila-condenses a dizerem “je suis caxineiro”. Bem mais pacífico que o “je suis Charlie”, convenhamos. Verão as suas pretensões satisfeitas? Não sabemos. Mas se o actual executivo vila-condense não escutar o povo — erro frequente na comunicação política — pode ser o fim do bastião socialista.

No contexto da sociedade hodierna poucas forças sociais são mais fortes do que a prática das relações públicas quando combinadas com as redes sociais. Da direcção estratégica da comunicação derivam consequências importantes para a vida de qualquer organização/instituição: a sua imagem pública, a reputação, o prestígio social.

Seria bom perceber que furtar-se a comunicar é o pior modo de comunicar. Permanecer em silêncio pode ser entendido como um desprezível gesto de arrogância. Seria desejável que a Igreja tomasse consciência de que comunicar ou não comunicar não é uma opção. Comunicar é tão necessário e normal, tão vital, quanto respirar. Todas as organizações e instituições comunicam quer queiram ou não. A questão é como comunicar bem. E isto não vai só com Avé-Marias.

CINEMA

O QUE É SER HUMANO?

FRANCISCO LEITE

ESTUDANTE DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Blade Runner (em Portugal, Blade Runner: Perigo Iminente), lançado em 1982, é um filme muito próprio: com uma história de produção incrivelmente atribulada e uma recepção medíocre aquando do seu lançamento, torna-se impressionante ver o quão popular e marcante se tornou com o tempo. As novas versões do filme de Ridley Scott (o Director’s Cut em 1993 e o Final Cut em 2007) sem dúvida que ajudaram bastante a que este filme recebesse o reconhecimento merecido.

É frequente que alguém que olhe de soslaio para Blade Runner julgue que está perante um filme de acção. E não estaria completamente enganado, já que o filme contém sem dúvida muitos elementos do género: Harrison Ford é Rick Deckard, um polícia responsável por caçar um grupo de replicantes (humanos artificiais) que

entraram ilegalmente na Terra. Mas esta sinopse só toca na superfície do filme muito ao de leve. Adaptado de um livro de Phillip K. Dick (Do Androids Dream of Electric Sheep?, versão portuguesa traduzida com o título do filme), um dos mestres da ficção científica, Blade Runner faz-nos aquela velha pergunta: o que é ser



humano? Os antagonistas do filme, em particular, obrigam-nos a questioná-lo bastantes vezes — existe uma inocência inesperada na sua brutalidade, um desejo de viver e de liberdade que é

o grande motor das suas acções. À medida que o filme avança, torna-se impossível duvidarmos de se realmente serão aqueles os verdadeiros vilões da história, ou apenas vítimas das circunstâncias inevitáveis da sua mera existência. A performance de Rutger Hauer como Roy Batty, o líder dos replicantes, é particularmente eficaz a passar esta mensagem: nos momentos finais do filme, o actor consegue fazer-nos olhar para aquela personagem aterrorizante a uma nova luz e ver todos os seus pecados como actos quase justos, cometidos por alguém que foi condenado à nascença a uma vida lastimável sem qualquer culpa ou escolha.

Apesar dos seus 33 anos de idade, o filme ainda hoje é deslumbrante. Scott apresenta-nos uma *Los Angeles* completamente devorada pela tecnologia e pela poluição, uma cidade que parece estar constantemente sob a escuridão nocturna. Carregada de influências multi-culturais e com

publicidade a cada esquina, a cidade em si quase que nos conta a história de uma globalização capitalista completamente descontrolada, que devorou tudo no seu caminho e deixou para trás as cascas. Vemos algumas maravilhas tecnológicas, como carros voadores, mas o *smog* e as chamas projectadas para os céus por alguns edifícios é que nos chamam a atenção: não estamos a ver um futuro rosado, mas sim uma distopia corporativa na qual apenas os mais fracos e pobres ficaram, enquanto outros partiram em busca de uma vida melhor. Torna-se estranho apreciar a beleza daquela cidade delapidada e admirar a sede da Corporação Tyrell, duas pirâmides colossais que dominam a paisagem daquela LA de 2019. Este sentimento dual que nos bate, proveniente de ver as maravilhas do futuro e a sua decadência com o tempo ajuda a estabelecer o tom do filme e são, talvez, uma referência aos filmes noir que tendiam a misturar os males da sociedade com o mundo do homem comum. E, mais importante, a mostrar como estes o podem devorar.

INSTANTES DA SEMANA SANTA

FOTOGRAFIAS: ANA PINHEIRO



PORTUGUESA BAPTIZADA NA BASÍLICA DE S. PEDRO

Helena Lobato, a pintora portuguesa que “pensava que não tinha fé”, foi este sábado baptizada pelo Papa Francisco. Durante a vigília pascal, na Basílica de São Pedro, Helena foi uma das 10 pessoas que recebeu os sacramentos de iniciação cristã. Os outros nove catecúmenos que foram baptizados pelo Papa vieram de Itália, Albânia, Quênia e Camboja. A pintora portuguesa descreveu o momento como “gratificante a todos os níveis”. Helena aproveitou ainda a ocasião para renovar os votos matrimoniais.

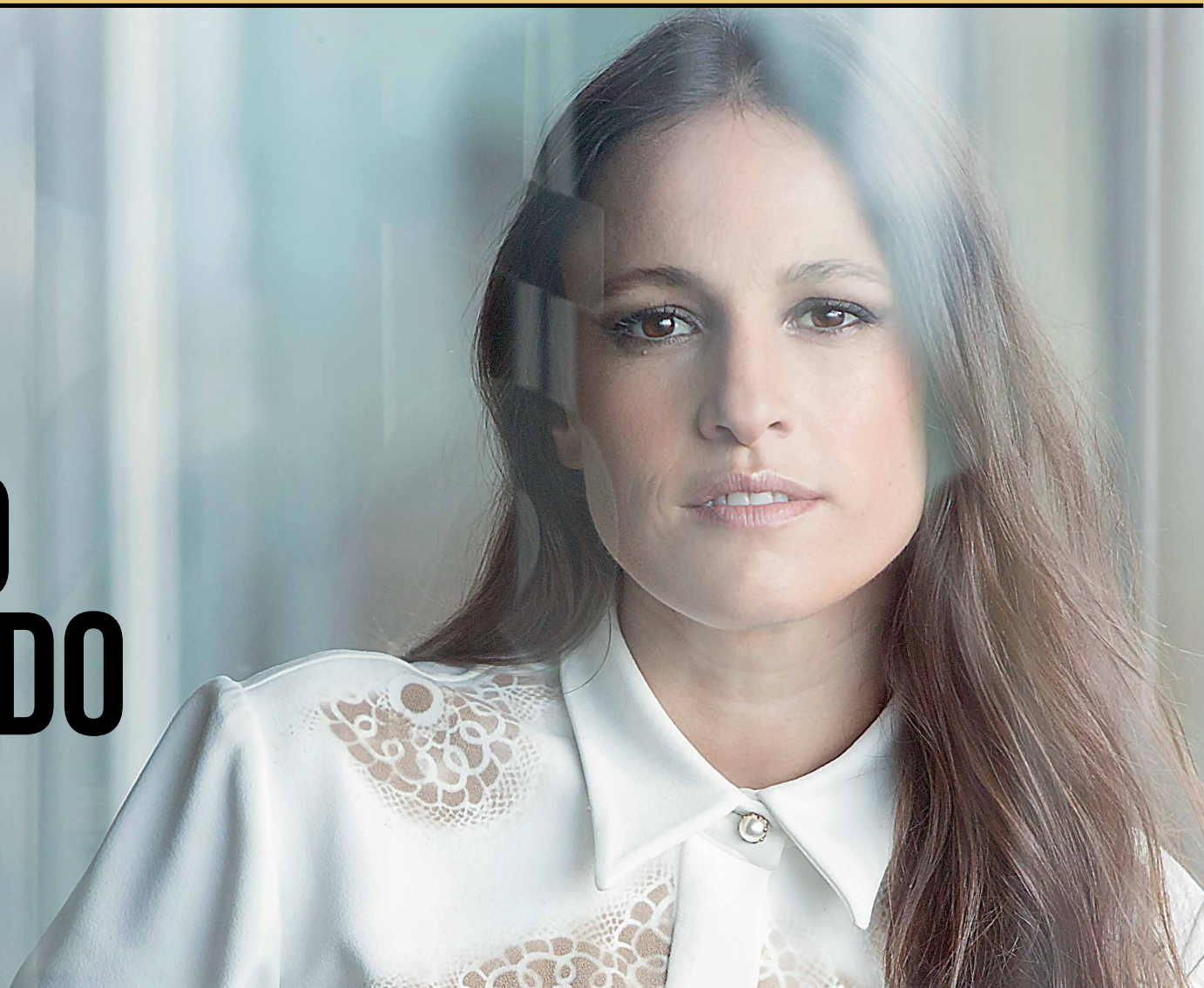


PAPA OFERECEU DINHEIRO E MENSAGEM A 300 SEM-ABRIGO

O Papa Francisco doou dinheiro e uma mensagem pascal a várias centenas de sem-abrigo de Roma. O presente foi entregue pelo esmoler pontifício na noite de sexta-feira Santa, pelo segundo ano consecutivo. O arcebispo polaco D. Konrad Krajewski foi às principais estações de caminho de ferro, albergues e dormitórios onde pernoitam vários pobres para entregar as ofertas do Papa. Os cerca de 300 homens e mulheres receberam envelopes com os votos de Páscoa, a imagem do Papa e um donativo em dinheiro.

CARMO PARA A FAMÍLIA, CARMINHO PARA O FADO

TEXTO: DACS FOTOS: LEO AVERSA



Terminou a faculdade, concluiu o curso de Marketing e Publicidade e resolveu dar a volta ao mundo durante um ano. Porquê fazer essa viagem?

Ao terminar o meu curso senti um vazio imenso, uma falta de caminho que me fez pensar que talvez precisasse de me conhecer melhor a mim própria. Precisava de partir numa busca de vocação porque aquela não era, definitivamente, a minha. De repente surgiu a ideia de fazer esta viagem. Eu já tinha feito voluntariado durante a minha faculdade na Universidade Lusíada. Aí descobri que o voluntariado pode trazer-nos muitas respostas sobre nós próprios. Pode trazer-nos um desapego muito grande, porque estamos a dar sem receber nada em troca. Ao mesmo tempo recebemos dos outros um espelho e uma resposta sobre nós. Eles são o nosso espelho. Descobrimos limites que não conhecíamos porque descobrimos também limitações que

não sabíamos que podíamos ter. Mas o voluntariado também nos ajuda a superá-las.

Passou a ver o mundo de forma diferente?

Passamos a relativizar e colocar a nossa pirâmide de prioridades num lugar mais realístico e mais seguro numa busca de felicidade sincera. O que é que traz de facto a felicidade? Olhar para pessoas que vêm de condições e de origens diferentes das minhas e de pontos de partida muito distantes e conseguem, muitas delas, ser mais felizes, descobrirem na simplicidade uma vida tranquila... Com paz, com entajuda... O que é que move o mundo, o que é que vai movendo o mundo? O que é que é a origem da felicidade do ser humano? Muitas vezes a resposta está muito longe daquilo que nós pensamos ser a felicidade. As descobertas desta viagem são infinitas e continuam a acontecer.

Foi uma viagem muito forte e muito fortificante, onde conheci muito acerca de mim, mas também acerca do mundo, acerca da diferença entre os seres humanos. Percebi as diferenças e o respeito que se deve ter por essas mesmas diferenças. Descobri também a busca incessante que deve haver por parte de uma pessoa pela sua vocação e por aquilo que a faz feliz, mesmo que o caminho dos outros seja outro e nos pareça a nós mais brilhante e mais extraordinário. É nas nossas capacidades e nas nossas limitações que temos de descobrir onde está o nosso ponto forte e a nossa vocação para nos dedicarmos a ela com todo o coração e força, para sermos o melhor que pudermos ser neste mundo.

Porquê viajar sozinha?

Viajar sozinha... não foi bem sozinha, foi com uma prima. Por vezes separámo-nos e fomos ao encontro de objectivos diferentes. Depois juntámo-nos... Mas viajar sozinho

tem o peso e a importância de termos de criar soluções constantemente por nós. Somos nós que temos de provar a nós próprios que conseguimos solucionar os vários desafios que a vida nos vai trazendo, passo a passo, dia a dia, minuto a minuto. Depois conhecemos muitas pessoas. Temos de nos apresentar e dizer quem somos. Todos os dias nos perguntam quem somos e todos os dias temos que pensar quem é que somos e o que é que vamos responder a essas pessoas. Isso é bom. É bom porque nos faz descobrir a nós próprios e saber mais pormenorizadamente quem somos a cada passo.

Vê-se a fazer mais alguma coisa além de cantar?

Com todas essas descobertas percebi que talvez fosse a cantar que eu seria mais feliz no mundo e que faria mais felizes os outros à minha volta. Eu acho que é isso que se diz como vocação e quando se descobre



Tavares
1922

Concepção, fabrico e restauro de alfaia religiosa

Rua da Junqueira, 54 - Póvoa de Varzim / Telf: 252 29 80 10 / www.ourivesariatavares.pt



LEIA A VERSÃO INTEGRAL
DA ENTREVISTA EM

www.igrejaviva.diariodominho.pt

quando comecei a falar português. Portanto, são duas “línguas-mães” na minha vida, preponderantes e transversais. Mesmo que eu não o faça profissionalmente, estará sempre comigo, não tenho uma resposta para o porquê de cantar fado tradicional, é a minha vocação.

Qual a diferença entre cantar fado em Portugal e cantar fado no estrangeiro?

Eu canto mais vezes para as pessoas que não percebem português e não percebem aquilo que eu digo. Isso traz-nos energias diferentes, o público e a sua energia é que alteram um concerto, fazem com que o resultado final seja sempre único, porque nos dão uma energia que nos faz sempre retribuir com algo novo. E cantar para as pessoas que se emocionam com as melodias, com a guitarra portuguesa, com a intenção da interpretação, mesmo que não entendam aquilo que se está a dizer, é fabuloso e é de uma intensidade que se deve ao fado, que tem este poder e por isso é que quer ser ouvido no mundo inteiro. Todo o mundo quer ouvir o fado e isso é uma experiência a que tenho assistido com grande orgulho e grande responsabilidade.

Já cantou com grandes vozes como Mariza Monte, Chico Buarque ou Pablo Alborán. O que retira dessas experiências?

A experiência de cantar com esses artistas é de facto única, é aquela que faz com que o artista cresça também, que ganhe horizontes, que se reveja e que se renove, e portanto essas experiências de partilha são fundamentais para um artista crescer. No meu caso acresce a isso o facto de muitos deles serem grandes ídolos e referências de há muito tempo para mim... isso não tem preço! É um privilégio único que tenho só a agradecer e só a desejar que continue e que não se percam relações que não são só musicais e artísticas, chegam a ser pessoais porque todas elas aconteceram de uma forma muito natural, de uma forma muito espontânea e fruto de uma empatia e de um entendimento artístico iniciais. Sem isso, para mim não fazem sentido duetos ou encontros musicais. É sempre necessário que haja a cumplicidade artística antes mesmo de se decidir fazer qualquer coisa. Foram momentos únicos que continuam a dar frutos na minha carreira, não só publicamente mas interiormente como pessoa. É um privilégio único, todos eles são diferentes, têm as suas características, e neste caso, no “Canto”, tive oportunidade de os convidar a visitar a minha linguagem e isso orgulha-me e enche-me de alegria.

Numa entrevista disse que “a fé é um tesouro que não se esgota”. Pode explicar essa afirmação?

A fé é um tesouro que não se esgota. É termos connosco uma certeza. Uma certeza que nos guia, que nos consola e que nos dá sempre força para enfrentar as contrariedades da vida. para saber viver ainda melhor as alegrias e aproveitá-las. Há uma certeza que permanece sempre e quando ela é posta ao serviço dos outros e é partilhada com os outros, então só pode crescer. O bem promove e alimenta o bem. Quanto mais bem se procura fazer e dar aos outros, mais se recebe. Esse tesouro é também inesgotável devido ao bem que os outros sentem por nossa causa.

O facto de ser católica influencia a sua música?

A minha fé é algo transversal ao que eu faço, às minhas escolhas. Veio antes e estará depois. Antes de eu ser fadista, cantora, intérprete, antes de eu ser esta pessoa, já tinha a minha fé. Depois a personalidade vai-se criando, vamos optando, vamos fazendo escolhas e afunilando o nosso caminho. No meu caso está sempre presente naquilo em que eu acredito. Provavelmente estará presente na escolha dos meus poemas e naquilo que quero dizer às pessoas na música que faço.

A Madre Teresa de Calcutá é uma referência para si. Foi por isso que resolveu participar numa experiência de voluntariado em Calcutá?

Resolvi ir realmente à Ordem de Madre Teresa de Calcutá, em Calcutá, movida por uma vontade de viajar e de me conhecer e de uma procura grande, mas também por conhecer bem a história da Madre Teresa, contada pela minha avó. Tive o gosto e a curiosidade de conhecer mais de perto essa obra grandiosa que entretanto se espalhou pelo mundo inteiro e que dá frutos mesmo depois da sua morte. O motivo e o sentido são muito fortes, foi uma experiência única na minha vida que me mudou para sempre. Poderia ter sido em Portugal, mas no meu caso e na altura fez sentido sair e ir até onde seriam as minhas referências, o limite contrário, oposto... E uma experiência

na Índia é muito impactante. E a pobreza de lá também.

Como foi ajudar “os pobres dos mais pobres”, como dizia Madre Teresa?

É uma experiência de alguma dureza mas que me mostrou muitos lados belos do mundo, muitas formas simples de se lidar com problemas graves na sociedade e com a morte, e isso foi uma experiência que nunca esqueerei. Eu trabalhava com moribundos, que precisavam de cuidados médicos e também de acabar as suas vidas de uma forma digna, se calhar uma coisa que não o fizeram durante toda a sua existência por serem pessoas que vivem na rua durante toda a sua vida, com condições abaixo das que se possam imaginar. E de repente conseguimos estar numa casa onde a morte não é um tabu, é vivida com alegria... Não a morte mas sim a dança entre a vida e a morte, que é iminente, e que pode estar a um passo. É aproveitar cada minuto da vida da melhor maneira possível, é um grande ensinamento porque eu acho que a felicidade não existe, o que pode existir é viver cada momento da maneira mais feliz possível. E isso é um desafio, porque não é fácil sermos sempre alegres e termos sempre boas energias para dar aos outros.

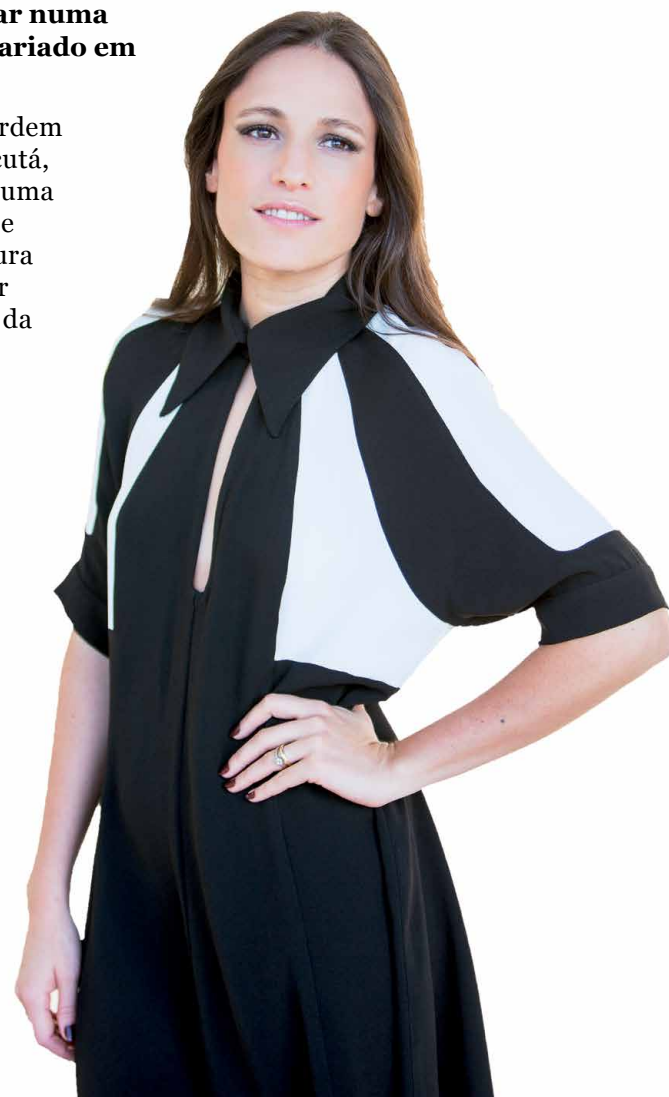
acho que se deve dar toda a energia, atenção e alma a essa missão para que ela dê frutos constantes. Eu não me arrependo e a escolha acaba por ser inevitável. Uma pessoa tem de escolher e é muito gratificante descobrir porque nem toda a gente consegue saber qual é a sua vocação. Felizmente, para mim, é uma graça que me foi dada: a descoberta de uma vocação. E não posso deixar de me responsabilizar por dar o meu melhor e por fazer o melhor, por retribuir este dom que me foi dado: esta voz e esta capacidade de poder dar aos outros algo novo.

O que é o fado para a Carminho?

É a minha vida, faz parte de mim. Canto outros estilos musicais porque gosto muito de interpretar outras canções, mas de facto é esse o desígnio de fado para mim. É a minha respiração, é aquilo que me move, a tradução da minha vida nos fados que canto. Isso torna-se vital mesmo que não seja num âmbito profissional. A nível pessoal é vital para mim.

Porquê cantar o fado tradicional?

O fado é a minha maior paixão e o porquê de cantar fado tradicional não se põe, porque eu comecei a ouvir fado tradicional quase na barriga da minha mãe e aprendi a cantar fado, ou a entoar e a perceber a linguagem



II DOMINGO PÁSCOA

TEMA



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

“A PAZ ESTEJA CONVOSCO”

ATITUDE DE VIDA

Durante a segunda semana da Páscoa, somos renovados pelos dons do Espírito do Ressuscitado para produzirmos o fruto da paz. Por isso, vamos procurar reconciliarmo-nos com alguma pessoa com quem tenhamos uma relação ferida.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Actos 4, 32-35

Leitura dos Actos dos Apóstolos

A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma; ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas tudo entre eles era comum. Os Apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus com grande poder e gozavam todos de grande simpatia. Não havia entre eles qualquer necessitado, porque todos os que possuíam terras ou casas vendiam-nas e traziam o produto das vendas, que depunham aos pés dos Apóstolos. Distribuíam-se então a cada um conforme a sua necessidade.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 117 (118)

Refrão: Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque é eterna a sua misericórdia

Diga a casa de Israel:
é eterna a sua misericórdia.
Diga a casa de Aarão:
é eterna a sua misericórdia.
Digam os que temem o Senhor:
é eterna a sua misericórdia.

A mão do Senhor fez prodígios,
a mão do Senhor foi magnífica.
Não morrerei, mas hei-de viver,
para anunciar as obras do Senhor.
Com dureza me castigou o Senhor,
mas não me deixou morrer.

A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular.

Tudo isto veio do Senhor:
é admirável aos nossos olhos.
Este é o dia que o Senhor fez:
exultemos e cantemos de alegria.

LEITURA II 1 Jo 5, 1-6

Leitura da Primeira Epístola de São João

Caríssimos: Quem acredita que Jesus é o Messias, nasceu de Deus, e quem ama Aquele que gerou ama também Aquele que nasceu d'Ele. Nós sabemos que amamos os filhos de Deus quando amamos a Deus e cumprimos os seus mandamentos, porque o amor de Deus consiste em guardar os seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados, porque todo o que nasceu de Deus vence o mundo. Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é o vencedor do mundo senão aquele que acredita que Jesus é o Filho de Deus? Este é o que veio pela água e pelo sangue: Jesus Cristo; não só com a água, mas com a água e o sangue. É o Espírito que dá testemunho, porque o Espírito é a verdade.

EVANGELHO Jo 20, 19-31

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus,

apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco”. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o Senhor. Jesus disse-lhes de novo: “A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós”. Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos”. Tomé, um dos Doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe os outros discípulos: “Vimos o Senhor”. Mas ele respondeu-lhes: “Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, se não meter o dedo no lugar dos cravos e a mão no seu lado, não acreditarei”. Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez em casa, e Tomé com eles. Veio Jesus, estando as portas fechadas, apresentou-Se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco”. Depois disse a Tomé: “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente”. Tomé respondeu-Lhe: “Meu Senhor e meu Deus!”. Disse-lhe Jesus: “Porque Me viste acreditaste: felizes os que acreditam sem terem visto”. Muitos outros milagres fez Jesus na presença dos seus discípulos, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome.



ANO B — SEGUNDO DOMINGO DE PÁSCOA — 2015

ITINERÁRIO SIMBÓLICO

FRUTO DO ESPÍRITO SANTO: Paz
ELEMENTO SIMBÓLICO: Pêssego ou ameixa branca

MATERIAL: Continuar o percurso pascal ao ritmo dos frutos do Espírito Santo, leva-nos a acolher a proposta que o Ressuscitado nos faz na liturgia deste Domingo: a Paz. Por isso, continuamos com um conjunto de flores dentro de um cesto; nesta semana optar-se-á por um conjunto de flores brancas (preferencialmente, margaridas), das quais emergirá uma coroa de rei, mais elevada, como sinal da presença iluminadora do Ressuscitado. Além disso, um outro cesto conterá pêssegos ou ameixas brancas, para evidenciar o fruto do Espírito Santo – a Paz – que se procurará cultivar, ao longo desta semana, na vivência da nossa fé.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENT:** O Senhor ressuscitou verdadeiramente, A. Cartageno (IC, p. 308; NRMS 65)
- **APRES. DONS:** Alegrai-vos, Mãe de Jesus, A. Cartageno (guião do XXIX ENPL, p. 64)
- **SANTO:** A. Cartageno (IC 53; NRMS 99-100)
- **CORD:** C. Silva (CPD 6.2)
- **COM:** Senhor, eu creio que sois Cristo (IC 55; NRMS 67)
- **FINAL:** Regina coeli (NCT 205)

REFLEXÃO

O segundo domingo de Páscoa, Oitava da Páscoa e Domingo da Divina Misericórdia, é o domingo da alegria (da fé). Jesus Cristo declara: “Felizes os que acreditam sem terem visto” (evangelho), felizes os que colocam toda a confiança em Deus, pois “é eterna a sua misericórdia” (salmo). E quem acredita que Jesus Cristo é o Filho de Deus “vence o mundo”, explica São João (segunda leitura). Os cristãos, vivificados “pela água e pelo sangue” — pelo Baptismo e pela Eucaristia — constituem a Igreja de Jesus Cristo, chamada a viver em comunhão e a testemunhar a caridade, distribuindo “a cada um conforme a sua necessidade” (primeira leitura). Eis o brilho de uma fé vivida!

“Um só coração e uma só alma”

O livro dos Actos dos Apóstolos mostra que a nova realidade inaugurada pela ressurreição de Jesus Cristo não se encontra exclusivamente orientada para a relação entre as pessoas e Deus, nem apenas para um momento além da história terrena. O Evangelho, isto é, a Boa Nova do Ressuscitado tem implicações imediatas na vida das pessoas e das comunidades. O versículo anterior ao texto proposto para primeira leitura do segundo Domingo de Páscoa (Ano B) refere a acção do Espírito Santo que enche de coragem os discípulos para pregarem a Palavra de Deus. Portanto, tudo o que se explica a seguir tem de ser entendido como resultado da acção do próprio Espírito Santo. A ressurreição de Jesus Cristo e o dom do Espírito Santo são sinais da presença do Reino de Deus. Por isso, tinham “um só

coração e uma só alma”. O objectivo da actividade dos primeiros cristãos não é político, mas teológico e antropológico, apoiado na convicção de que, em Jesus Cristo, todos formamos um só povo. Constitui-se uma nova (e única) família — a Igreja — que acolhe e cuida de todos os seus membros. A comunhão de bens é expressão da unidade em Jesus Cristo e da presença do Reino de Deus; e também servia para assegurar que “não havia entre eles qualquer necessitado”. Este “sumário” não pretende despertar a saudade dum passado em que tudo era maravilhoso nas comunidades cristãs. É, isso sim, um acicate para torná-lo presente, hoje. A palavra de Deus bebe do passado histórico, mas não é nostálgica; é palavra viva para “aqui e agora”. Com este texto dos Actos dos Apóstolos o homileta (e cada cristão) reconhece “o poder da vida do Senhor ressuscitado operante nas primeiras comunidades, e proclama com fé ao povo que o mesmo poder ainda actua entre nós” (“Diretório homilético”, 53). O texto diz ainda que “gozavam todos de grande simpatia”. Ora, para despertar simpatia e mostrar que o “poder” do Ressuscitado “actua entre nós” é preciso estar próximo. Estar próximo é o primeiro passo para testemunhar uma fé vivida: “é preciso também desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte duma alegria superior [...]. Não como uma obrigação, nem como um peso que nos desgasta, mas como uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá uma identidade” (EG 268-269).

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR: ADMONIÇÃO À SAUDAÇÃO DA PAZ

Durante o rito da paz, a comunidade cristã reunida em assembleia celebrante suplica pela paz e pela unidade de toda a Igreja e da humanidade. Partilhando os mesmos sentimentos, unidos num só coração e numa só alma, os fiéis manifestam uma verdadeira comunhão entre todos os membros da Igreja e exprimem o compromisso de caridade autêntica. Este gesto, profundamente simbólico, não constitui uma oportunidade para um mero cumprimento ritual ou cordial, mas deve ser realizado de forma sóbria e com muita simplicidade, junto das pessoas mais próximas, num verdadeiro espírito fraterno.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãs e irmãos:

Supliquemos a Jesus ressuscitado que encha a Igreja dos seus dons, e dê a paz aos crentes e aos não crentes, dizendo, cheios de esperança:

R. Cristo ressuscitado, ouvi-nos.

1. Para que todos os fiéis da santa Igreja vivam unidos nos mesmos sentimentos e nos mesmos propósitos, e se sintam renovados nesta Páscoa, oremos.
2. Para que os indiferentes e ateus despertem para a luz que é Jesus Cristo e com Ele abracem a Sua proposta de vida abundante, percorrendo sem hesitar os caminhos da fé vivida, oremos.
3. Para que o Senhor Jesus ressuscitado dê aos casais cristãos e aos seus lares a fidelidade, a paz, o amor mútuo e o bem-estar, oremos.
4. Para que os cristãos de todas as Igrejas alcancem a graça de acreditar sem terem visto e se encontrem no seu íntimo com Jesus, oremos.
5. Para que a nossa celebração deste Domingo encha de dons do Céu a comunidade e lhe dê maior cuidado pelos mais pobres, oremos.

Senhor Jesus Cristo, que, ao aparecer aos discípulos, lhes destes a paz e os enviastes a anunciar a Palavra e o perdão, fazei que acreditemos sem ter visto para alcançarmos a vida eterna em vosso nome. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos.

EUCOLOGIA

Orações próprias do II Domingo da Páscoa (*Missal Romano*, pp. 335-336)
Prefácio Pascal I (*Missal Romano*, p. 469)
Oração Eucarística III (*Missal Romano*, pp. 529ss)

Olive
&
Noé

A VOZ DA CATEDRAL 2

Já está disponível nos Serviços Centrais da Arquidiocese de Braga e na Livraria do Diário do Minho o segundo volume da Voz da Catedral(L), da autoria de D. Jorge Ortega.

O livro apresenta mais uma série de compilações de homilias e textos do Arcebispo Primaz, sob o título “Rumo à Unidade - Anuncia”.

A apresentação pública foi feita na terça-feira à noite, dia 8 de Abril, durante a conferência “O cristão na acção social”, proferida pelo Cardeal Óscar Maradiaga no Auditório Vita.

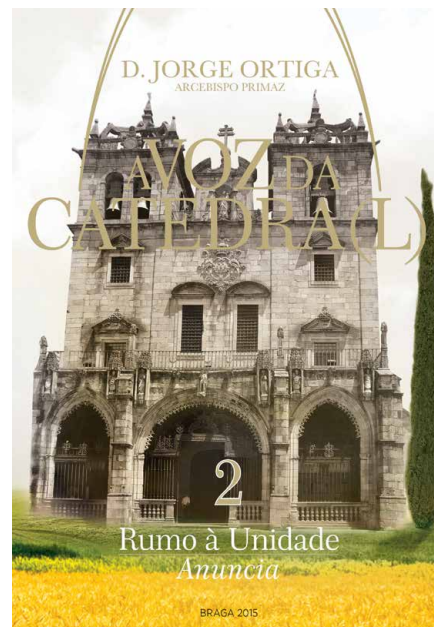
No prefácio, o Arcebispo Primaz afirma que a preocupação deste segundo

volume é a de “individualizar uma preocupação constante pela missão profética de anunciar”.

Mais afirma que o projecto, sendo delineado por uma exigência evangélica, supõe os lugares onde a vida se tece como cenários de actuação.

Aludindo às palavras do Papa Francisco, o prelado sublinha ainda um desejo de “unidade” que passa por aceitar, resolver e transformar conflitos.

A apresentação e coordenação editorial são feitas pelo padre José Lima, que desde logo apresenta as secções em que o livro se divide: “Natal e Páscoa”, “Eliminar” e “Frescura”.



AGENDA

10.04.2015

“WHERE OR WHEN”
- ESCOLA DE JAZZ DO PORTO
22h00 / Bragaparque

A CRISE DA EDUCAÇÃO
OU A GLOBALIZAÇÃO DA
ESCOLARIZAÇÃO

21h30 / Casa do Professor

12.04.2015

FESTA DA MISERICÓRDIA DA
COMUNIDADE SHALOM

14h30 / Igreja dos Congregados

14.04.2015

SARAU CULTURAL
“TU ÉS O REI MIDAS”

21h30 / TOCA

19.04.2015

CAMINHADA “TODOS
PELO SAMEIRO”

09h30 / Complexo da Rodovia



Faça um Like



Siga-nos no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Joana Araújo), Flávia Barbosa
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@diocesede-braga.pt
Site: www.igrejaviva.diariodominho.pt

SARAU CULTURAL “TU ÉS O REI MIDAS”

No dia 14 de Abril, pelas 21h30, na TOCA (Trabalho de uma Oficina Cultural e Associativa), realiza-se o sarau solidário “Tu és o Rei Midas”.

O evento conta com música, dança, poesia e humor. O bilhete custa 3€ e os fundos angariados revertem para a Delegação da Cruz Vermelha de Braga.

No sarau estarão disponíveis alguns pontos que irão permitir aos visitantes a doação de bens monetários, alimentares ou de

higiene pessoal.

A ideia partiu de dois estudantes de Medicina que juntaram sinergias com a Cruz Vermelha de forma a conseguirem promover o evento.

“Todo o cidadão tem o dom de fazer a diferença” é um dos lemas do espectáculo.

Para mais informações está disponível o evento no facebook com a página Mais informações em <https://www.facebook.com/events/1563386550578004/>.



LIVRARIA DO DIÁRIO DO MINHO



VASCO PINTO
DE MAGALHÃES

SE DEUS É
BOM PORQUE
SOFREMOS?

O livro “Se Deus é bom, porque sofremos” procura lidar com várias dimensões e testemunhos sobre o sofrimento e respectivas implicações na vida do ser humano. A relação com Deus e o sentido que se consegue dar às coisas constituem o epicentro desta obra. O padre Vasco Pinto de Magalhães é licenciado em Filosofia pela Universidade Católica e em Teologia pela Universidade Gregoriana (Roma). Actualmente, é responsável pela formação inicial dos jesuítas portugueses (Noviciado). É o autor de “Vocação e Vocações Pessoais” e de “O Olhar e o Ver”, e “Nem Quero Crer”.

PVP
€ 10
10%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 09 a 16 de Abril de 2015.